



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DENYSE DONATI MARANHÃO

CUIDADOS DOMÉSTICOS E O TEMPO DAS MULHERES
DA COMUNIDADE DO TIMBÓ EM JOÃO PESSOA/
PARAÍBA

JOÃO PESSOA
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DENYSE DONATI MARANHÃO

CUIDADOS DOMÉSTICOS E O TEMPO DAS MULHERES
DA COMUNIDADE DO TIMBÓ EM JOÃO PESSOA/
PARAÍBA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do
Curso de Ciências Sociais da
Universidade Federal da Paraíba
como requisito complementar para
obtenção do título de Licenciatura
em Ciências Sociais sob
orientação do Professor Pedro
Nascimento.

João Pessoa
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DENYSE DONATI MARANHÃO

CUIDADOS DOMÉSTICOS E O TEMPO DAS MULHERES
DA COMUNIDADE DO TIMBÓ EM JOÃO PESSOA/
PARAÍBA

Trabalho de conclusão de curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Curso de Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA

Orientador/a: Prof.º Dr.º. Pedro Francisco Guedes do Nascimento

Profª. Drª. Luciana Aparecida Aliaga Azara de Oliveira

Profª. Drª. Márcia Reis Longhi

João Pessoa, 21 de Outubro de 2024.

**Catálogo na publicação Seção
de Catalogação e Classificação**

M311c Maranhao, Denyse Donati.

Cuidados domésticos e o tempo das mulheres da
comunidade do Timbó em João Pessoa, Paraíba / Denyse
Donati Maranhao. - João Pessoa, 2024.
43 f.

Orientador : Pedro Francisco Guedes do Nascimento.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2024.

1. Trabalho doméstico. 2. Mulheres. 3. Cuidado. I.
Nascimento, Pedro Francisco Guedes do. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 3-055.2

**Dedico essa monografia às
mulheres que me criaram e
me deram forças durante a
graduação, em especial à
minha mãe.**

AGRADECIMENTOS

Tenho uma lista comprida de pessoas às quais devo agradecer por fazerem parte da minha trajetória acadêmica. Em primeiro plano agradeço aos meus orixás e meus guias por sempre estarem ao meu lado, por me ajudarem a manter o foco e determinação, por não me deixarem desistir e por tanta força, cuidado e amor! *Ora ie ie ô, mamãe! Okê arô, meu pai!*

Agradeço à minha mãe e ao meu pai, Réa e Nilton, que tanto batalharam e se esforçaram cada um do seu modo para me proporcionar boa educação. Agradeço às minhas avós, Oriniva e Amélia pelo suporte e exemplo, ao tio Rui pelo apoio na educação básica, a tia Karla, tia Valda e Nil pelo carinho de sempre. Agradeço também de forma especial a meu avô Rui, que sempre me incentivou e me apoiou na trajetória longe da terrinha amazônica, e por ser tão amigo em momentos desafiadores.

A lista segue com Bruno, Letícia e Huili que acreditaram em mim até quando eu mesma não acreditei. Não posso deixar de agradecer a Daniel por todo amor e apoio diário, por ouvir choros e risos durante a produção deste trabalho e por acreditar sempre, assim como Matheus, meu melhor parceiro de luta acadêmica e de militância, obrigada por tantas reflexões e lutas juntos!

Obrigada também a tia Raimunda e as professoras do Marirray, a primeira escola que estudei e que foi tão importante no meu ensino básico. Por fim, quero agradecer as professoras e professores da UFPB, Tássia Rabelo, Luciana Aliaga, Ana Montoia, Marcia Longhi, Rita de Cássia, Aina Guimarães, Luciana Waleska Moura, Sérgio Barcellos, Jailson Rocha, Charliton Machado entre outros e outras docentes que contribuíram para minha formação acadêmica e pessoal. Agradeço finalmente a Pedro Nascimento, por me orientar com compreensão e paciência, por me ensinar na prática como ser uma boa pesquisadora e por ser um exemplo de como exercer a antropologia da forma mais bonita e ética que já vi.

Obrigada amigxs!

*“E se mudasse esse ponto de vista
E o falo fosse a vítima
O que o povo ia falar?
Trocando, assim, o foco da história
Tirando do homem a glória
De mandar nesse lugar”*

MULAMBA

RESUMO

O Tempo das Mulheres pode ser descrito por rotinas de cuidados domésticos em equilíbrio (ou não) com o auto cuidado e o tempo para si mesma. A pesquisa propõe registrar aspectos da ordem do “cuidado”, ou seja, uma categoria que as normas de gênero estruturam quem e por quem se cuida e como o cuidado é recompensado ou inviabilizado na sociedade. Tenho como objetivo neste trabalho, identificar e analisar as relações de gênero no âmbito do trabalho doméstico e dos cuidados familiares na comunidade do Timbó em João Pessoa, PB. Foram feitas visitas de campo e entrevistas com moradores e moradoras da região, com posterior registro em diário de campo e fotografias. A perspectiva de gênero, raça e classe é essencial para compreender as dinâmicas do cotidiano, principalmente por serem as mulheres as principais responsáveis pelas dinâmicas de cuidado e de rotinas domésticas, e como se relaciona para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Palavras-chave: Trabalho doméstico; Mulheres; Cuidado.

ABSTRACT

The concept of "Women's Time" can be described through routines of domestic care, balanced (or not) with self-care and personal time. This research aims to document aspects of the "care" order, i.e., a category where gender norms structure who provides and receives care, and how care is either rewarded or made invisible in society. This study seeks to identify and analyze gender relations within the scope of domestic work and family care in the Timbó community in João Pessoa, PB. Field visits and interviews were conducted with residents, with subsequent recording in field diaries and photographs. The perspective of gender, race, and class is essential to understanding everyday dynamics, especially as women are the main agents responsible for caregiving and domestic routines, highlighting its relevance for the construction of a more just and inclusive society.

Key-words: Household work; Women; Care.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAPS - Centro de Atenção Psicossocial

CLT - Consolidação das Leis do Trabalho

CRAS - Centro de Referência da Assistência Social

DIEESE - Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos

ISSP - International Social Survey Programme

ONG - Organização Não Governamental

SUS - Sistema Único de Saúde

UPA - Unidade de Pronto Atendimento

UBS - Unidade Básica de Saúde

ZEIS - Zona Especial de Interesse Social

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
I - CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO	14
II - O TEMPO DELAS: GÊNERO, TRABALHO E PODER	22
III - QUESTÕES METODOLÓGICAS	26
IV - RESULTADOS E DISCUSSÕES	34
CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

INTRODUÇÃO

O respectivo trabalho começa a ser desenvolvido a partir da vivência de campo da pesquisa “Família, Trabalho Doméstico e Cuidados” desenvolvida em 2023 no Programa de Iniciação Científica da Universidade Federal da Paraíba. Nesta pesquisa me aproximei de uma das comunidades de João Pessoa, o Timbó, onde foi realizado entrevistas e observação participante, com o objetivo de compreender a rotina e nuances do trabalho doméstico e as variantes de cuidados.

A partir disso, surge o interesse em discutir e analisar o circuito de cuidados vivido pelas mulheres e como se assume um lugar único e pouco observado na comunidade em geral. A partir do reconhecimento de campo e das relações que construí no grupo de pesquisa, pude, junto com a equipe, acompanhar a rotina de algumas mulheres e entender seus desafios, particularidades, felicidades e dificuldades.

Pensar no Tempo das Mulheres nos permite analisar as suas relações de cuidado com a família, e pensar no “circuito de cuidados” ao seu redor (CAMARANO e PINHEIRO, 2023). Como resultado, as relações sociais de cuidado, as dinâmicas econômicas, a performatividade do gênero feminino, o impacto do poder ou da falta dele no contexto familiar e também as formas de retribuição dessa ação, caracterizada por significados específicos do cuidar do outro, descrevem como se constitui o circuito. Segundo as autoras Nadya Guimarães e Priscila Vieira (2020), existem 4 dimensões consideráveis sobre o Cuidado,

“os significados atribuídos ao trabalho desempenhado, os atores/atrizes considerados aptos a fazê-lo, os tipos de relação social estabelecidas (mercantis ou não-mercantis), e os modos de retribuição (monetários ou não) que se lhe associam”.
(p. 09)

O cuidado pode ser compreendido por meio de diferentes dimensões que exploram como o trabalho de cuidado é definido, realizado, organizado e recompensado na sociedade. Esta pesquisa propõe registrar aspectos da ordem do “cuidado”, ou seja, uma

categoria que as normas de gênero estruturam quem e por quem se cuida e como o cuidado é recompensado ou inviabilizado na sociedade (CAMARANO e PINHEIRO, 2023).

Analisando a partir das quatro dimensões citadas - significados atribuídos ao trabalho, atores/atrizes considerados aptos, tipos de relação social e modos de retribuição - obtém-se uma compreensão mais detalhada das dinâmicas que envolvem o cuidado em diversos contextos.

No que diz respeito aos objetivos estabelecidos no projeto deste trabalho, pode-se dizer que os resultados foram relevantes para análise de dinâmicas de trabalho doméstico e do tempo exercido pelas mulheres. Depois de identificar algum equipamento de cuidado ou de saúde, fomos concretizando o mapeamento da identificação de quais membros da família realizam as tarefas domésticas e as atividades de cuidado na casa: se há contratação de uma pessoa responsável pelo trabalho doméstico e como se dá a articulação da realização das tarefas e como os circuitos são organizados para a realização efetiva das atividades da casa.

Além disso, frisou-se neste plano de trabalho inicial a identificação de marcadores sociais como classe, raça, e gênero em relação às tarefas domésticas, com ênfase na relação de gênero e como se articulam as rotinas de cuidados das famílias, o que podemos chamar de “circuito de cuidados”. De forma complementar à definição apresentada acima, de acordo com Natália Fontoura (2023), o cuidado em si apresenta três dimensões possíveis de detalhamento e compreensão:

“Cabe registrar que tais dimensões se interconectam e se entrelaçam, e uma mesma publicação frequentemente apresenta mais de uma delas. Propõe-se a seguinte classificação para as abordagens encontradas: a dimensão ética, a dimensão do trabalho e a dimensão das políticas públicas.” (p. 02)

A dimensão ética é a relacionada aos cuidados em um sentido amplo, onde se compreende uma estrutura social elaborada a partir do caráter e necessidade dos cidadãos. Na dimensão do trabalho, já podemos considerar um espaço de divisão sexual do trabalho, o qual a análise recai sobre as demandas e responsabilidades atribuídas às mulheres, podendo evidenciar desigualdades de gênero.

A terceira dimensão diz respeito às políticas públicas de cuidados, onde o Estado se faz responsável pelo provimento e pela articulação das redes de cuidados, considerando seu papel social e político e importância do estabelecimento do bem-estar social. Esta dimensão especificamente, não foi foco neste plano de trabalho, mas as demais foram abordadas e contempladas.

Vale salientar o quanto a terceira dimensão do cuidado está diretamente relacionada ao amparo no tempo das mulheres. Quando falamos de mulheres de baixa renda, a assistência pública (creches, escolas, etc) são não apenas importantes, mas necessárias para a dinâmica da vida doméstica (PICANÇO e BRITES, 2014). Por vezes é por conta dessa participação da esfera pública, que as mulheres conseguem ter tempo para si.

A trajetória de produção deste trabalho desde as atividades da iniciação científica a qual o Plano de Trabalho “O Tempo das Mulheres”, proporcionou o desenvolvimento de habilidades ímpares durante a pesquisa, nesse caso na área das Ciências Sociais, com ênfase nos estudos de Gênero e Cuidados. Essa etapa da formação acadêmica me permitiu experienciar tarefas e atividades importantes para o “fazer etnográfico”, e desenvolvimento desse método de pesquisa.

No que diz respeito à temática de gênero e cuidados, esse trabalho propõe a análise da relação entre homens e mulheres na questão da divisão sexual do trabalho doméstico com relação às distribuições dos papéis de gênero ditados socialmente. A vida doméstica reflete as dinâmicas sociais para além da família, mas é nesse espaço privado que a questão do “cuidar” se sobressai a partir da administração da rotina de uma mulher (GUIMARÃES e VIEIRA, 2020).

A comunidade do Timbó, apesar de comumente ser associada pelos moradores de outras localidades de João Pessoa, como um “bairro” perigoso, “estranho”, as visitas de campo revelaram aspectos complexos que superaram os estigmas e preconceitos. O Timbó se diferencia de outras comunidades, segundo os moradores locais, por ser um lugar seguro, onde há respeito e boa convivência com a vizinhança (PITA, 2012). Também é uma comunidade que ao longo de anos desenvolveu ações sociais auto organizadas, a exemplo de movimentos culturais, como a batalha de rap do Timbó (organizadas pela juventude local) que acontece na quadra da comunidade, o Instituto Vem Cuidar de Mim, que conta com participação constante de voluntárias da região, além das redes de cuidado construídas a partir das igrejas evangélicas ou centros religiosos.

O principal objetivo estabelecido para esse trabalho é compreender as dinâmicas de cuidados no núcleo familiar e como as mulheres se relacionam com isso. Também

busco responder a seguinte problemática: Como as mulheres organizam seu tempo, entre atividades domésticas e demandas pessoais? De forma mais específica, pretende analisar as entrevistas e diários de campo das interlocutoras da comunidade do Timbó. E analisar as relações de poder impostas ou não na perspectiva de gênero.

Depois de identificar instituições e equipamento de cuidado ou de saúde, a observação participante permitiu o mapeamento da identificação de possíveis interlocutoras e interlocutores. Observar quais membros da família realizam as tarefas domésticas e as atividades de cuidado na casa, se há contratação de outras pessoas responsáveis pelo trabalho doméstico e como se dá a articulação da realização das tarefas no núcleo familiar, além de como os circuitos são organizados para a realização efetiva das atividades da casa.

Assim, esse trabalho etnográfico conduz o leitor a imergir no cotidiano da vida de algumas mulheres e famílias da comunidade do Timbó, a fim de compreender a relação que existe entre cuidado doméstico e papéis de gênero, sobretudo a participação das mulheres nesse circuito de trabalho.

I - CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO

O Timbó está localizado no bairro do Bancários na zona sul da cidade de João Pessoa, Paraíba. A comunidade em questão se encontra entre alguns bairros de classe média da região, de um lado Bancários, do outro Portal do Sol e Altiplano (um dos bairros mais ricos da cidade).

A escolha do Timbó como localidade a ser pesquisada se deu pelas características de enclave entre bairros e comunidades pesquisadas nacionalmente no grupo de pesquisa "Família e Mudanças nos Papéis de Gênero" do International Social Survey Programme (ISSP). Em 2023 iniciei as atividades do Programa de Iniciação Científica com encontros periódicos para formação e imersão no campo de gênero, considerando o trabalho doméstico como ponto central da pesquisa.

O objetivo da pesquisa ampla é mapear as relações de gênero e trabalho em diferentes cidades do Brasil. Trata-se de uma rede de pesquisa com foco em estudos comparativos sobre normas e comportamentos em relação à provisão de cuidados, gênero, trabalho e família. Assim como este trabalho, a equipe nacional busca entender como as percepções sobre os papéis de gênero têm impactado as dinâmicas familiares em especial na vida das mulheres

Em 2008, o Timbó passou a ser um local classificado como uma Zona Especial de Interesse Social (ZEIS), que significa ser uma área urbana destinada à construção de moradias de famílias de baixa renda. Essa categoria de ZEIS surgiu em 1983, em Recife, Pernambuco. Por esse motivo, a comunidade do Timbó se mostrou um bom campo de pesquisa, onde seria possível realizar análises e discussões sobre os cuidados domésticos de modo a relacionar gênero, classe e raça.

A comunidade do Timbó tem sido campo de estudos e pesquisa há algum tempo. Sobretudo pelo caráter de uma comunidade vizinha a um bairro de classe média, e por conta das suas características geográficas, ambientais e sociais. Alguns dos trabalhos realizados são os seguintes: *“A construção de identidades sociais na comunidade do Timbó: uma análise das práticas culturais e sociais”* da autora Juliana Teixeira (2017); *“Saúde e práticas comunitárias: um estudo sobre a atuação das equipes de Saúde da Família na comunidade do Timbó”* da autora Ana Paula Nunes (2018); *“A comunidade do Timbó (João Pessoa-PB): análise sócio-ambiental e qualidade de vida”* de autoria de Maria Auxiliadora Clemente Dantas e Antônio Sérgio Tavares de Melo (2004); *“Segregação urbana e organização socioespacial: um estudo da Comunidade do*

Timbó, em João Pessoa, PB” de Ana Luzia Lima Rodrigues Pita (2012); “*Emoções e Sociabilidade Urbana: Uma etnografia sobre a Comunidade do Timbó, João Pessoa-PB*” do autor Williane Juvêncio Pontes (2020).

Esses trabalhos refletem a diversidade de iniciativas na comunidade do Timbó, abordando questões de educação, saúde, cultura, sustentabilidade e pesquisa, todas essenciais para a construção de um espaço mais justo e inclusivo. Os trabalhos que cito acima abordam temas das áreas de ciências sociais e ciências sociais aplicadas, relacionados a identidades sociais, práticas de saúde comunitária, qualidade de vida, organização socioespacial e sociabilidade urbana. As pesquisas agregam na construção desta monografia por compartilharem o impacto ou não das políticas públicas, a luta contra a desigualdade social e a importância das relações de cuidado e apoio comunitário.

O acesso à comunidade se dá por vias de calçamento que permitem a entrada de carros, motos e outros meios de locomoção, com exceção de caminhões e ônibus. Segundo moradores locais, existe uma parcela das casas que apresentam uma rotatividade de inquilinos, mas para além disso, a maioria das pessoas entrevistadas moram há vários anos no local.

Figura I. Casas do Timbó.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2024.

A comunidade é comumente caracterizada por habitações de alvenaria, com jardins e paredes das residências coladas umas nas outras e com boa organização da rede sanitária. Poucas e pequenas construções possuem mais de um andar, durante a pesquisa não foi avistado prédios ou grandes estruturas. As maiores que pude notar, são as instituições, de vários tipos, por exemplo, o Instituto Vem Cuidar de Mim, o Posto de Saúde, Igrejas Evangélicas, Centros Espírita e afins.

O Instituto Vem Cuidar de Mim se destaca nesta pesquisa, já que é uma instituição de cuidados no bairro. O Instituto Vem Cuidar de Mim foi fundado a partir da campanha “Vem Cuidar de Mim”, no ano de 2014 pelos pais de Maria Luiza, que na com 4 anos na época, lutou contra um câncer infantil. O projeto arrecadou quase 100 mil assinaturas com o objetivo de alterar as normas da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), para que mães, pais e cuidadores tenham direito a licença remunerada e possam acompanhar o tratamento de seus filhos e filhas que apresentam doenças graves e que necessitam de cuidado e atenção integral.

Historicamente, a comunidade se desenvolveu a partir de uma área de escavação mineral, influenciando diretamente o perfil socioeconômico local, predominantemente por famílias de classe média baixa. Em 2020, Williane Juvêncio Pontes apresenta a dissertação de mestrado intitulada *Emoções e Sociabilidade Urbana: Uma etnografia sobre a Comunidade do Timbó, João Pessoa-PB*, que descreve bem a relação urbana do Timbó e pode nos ajudar a visualizar ainda mais o campo (JUVÊNCIO,2020).

Na lateral esquerda de uma das ladeiras que dão entrada a comunidade, existe uma espécie de barreira natural, com algumas bananeiras acima que pode ser alcançada por meio de uma escada íngreme, feita de madeira, que no alto encontrava um pequeno portão trancado. Próximo a esta ladeira registrei algumas fotos que enfatizam a desigualdade social entre a comunidade do Timbó e um dos bairros mais ricos da cidade de João Pessoa, o Altiplano.

Figura 2. Vista do Timbó; **Figura 3.** Salvo pela Cruz



Fonte: Arquivo Pessoal, 2024.

Durante as visitas de campo era notório uma quantidade considerável de material para reciclagem armazenado em grandes sacos na porta de algumas casas, também é notório uma atmosfera rural naquela localidade. Uma das assistentes sociais que conheci informou que esse cenário é bastante comum, a coleta de recicláveis no bairro. Na parte mais a Leste da comunidade, existe uma espécie de galpão de reciclagem, onde os materiais podem ser vendidos.

Figura 4. Reciclagem aos montes.



Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Em geral, muitas casas possuem jardins com flores e ervas. Na maioria delas, os vasos de planta são potes reutilizados, como baldes de tinta ou potes de margarina. E uma das casas com mais plantas que percebi durante uma das primeiras visitas foi a de uma das interlocutoras que viria a ser a primeira entrevistada da pesquisa.

Figura 5. Jardim de Rosas



Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

A partir dessa contextualização, e percebendo o cenário específico do Timbó é possível analisar questões mais amplas de divisão do trabalho doméstico, gênero e poder, e como isso se manifesta na vida cotidiana das famílias da comunidade. O cuidado pode ser compreendido por meio de diferentes dimensões que exploram como o trabalho de cuidado é definido, realizado, organizado e recompensado na sociedade (GUIMARÃES e VIEIRA, 2020).

Todas as interlocutoras relataram uma rotina que gira em torno dos cuidados da casa, dos filhos e dos animais de estimação. Curiosamente, apenas uma das famílias entrevistadas tinha o trabalho doméstico sob responsabilidade de um homem, mas poucas semanas depois da entrevista, por questões de saúde, a mãe do interlocutor se mudou para sua casa para dar conta dos cuidados do filho e das netas, assim como do cuidado do lar.

Menos de 25% das famílias entrevistadas não participavam de algum modo das atividades oferecidas pela ONG. Em maioria, as crianças participam de aulas coletivas, de música, esporte e arte durante um período do dia. Em torno de 170 famílias são cadastradas para receber sopa durante as terças-feiras à noite (uma ação do Instituto Vem Cuidar de Mim em parceria com a Paróquia de Santo Antônio). Uma das interlocutoras entrevistadas, não se beneficia diretamente das ações do Instituto, porém é uma das voluntárias mais participativas no grupo, que de algum modo é positivo para sua saúde mental, segundo ela mesma. Portanto é um espaço de cuidado que foge da esfera do Estado, mas não é menos eficaz por isso.

Figura 6. Quadra do Timbó; **Figura 7.** Instituto Vem Cuidar de Mim



Fonte: Arquivo Pessoal, 2024.

A comunidade do Timbó é uma espécie de bairro dentro de outro bairro, não é grande, mas é possível se perder por lá quando não se conhece. Existem 3 ladeiras que “entram” no Timbó, durante a pesquisa entrei e saí da comunidade por esses caminhos. Um deles me chama atenção, é a ladeira central. Depois de uma estrada de terra com uma vista bem bonita da parte litoral da cidade, à direita, já é possível localizar uma das famílias que conheci durante a pesquisa.

“Do alto da comunidade, durante uma das visitas que fiz no período da noite, foi possível ouvir bastante comemoração e sons de apito, o que logo identifiquei como uma partida de futebol. De fato era uma, quanto mais me aproximava do destino mais movimento via na rua. Muitas pessoas em frente a quadra do bairro, a mesma quadra em que acontecem batalhas de rap vez ou outra.” (Diário de Campo da Autora, 2024).

A maioria ali era bem jovem, alguns rapazes chegaram de moto, enquanto algumas moças caminhavam em grupo, arrumadas e maquiadas, em direção a quadra. Tive a impressão de ser um movimento comum da juventude local, havia música tocando, em volume consideravelmente alto. Pensei que aquele era claramente o ponto de encontro dos jovens.

Uma das interlocutoras me contou sobre as festas que são feitas, são bem organizadas por um grupo local, existe data específica no mês e algumas regras devem ser seguidas. Som alto é permitido até certo horário, e apenas o som dentro da quadra, é proibido paredões e caixa de som. Também é proibida a entrada de garrafas de vidro, drogas e armas.

Essas dinâmicas locais mostram eficiência numa lógica de relações de bem-estar entre a vizinhança, muitas crianças brincam na rua livremente, famílias sentam na porta de casa, sem aparente preocupação. No sentido do cuidado doméstico, essa relação com o externo permite troca de favores de cuidado entre vizinhos, principalmente para o cuidado das crianças.

II - O TEMPO DELAS: GÊNERO, TRABALHO E PODER

Alguns conceitos precisam ser apresentados de antemão. O conceito de “cuidar” ou de “cuidado” é uma categoria estabelecida na área da Antropologia do Cuidado como um direito social e um elemento central para o bem-estar e a justiça social, especialmente considerando as gerações e a sobrecarga existente nos núcleos familiares (CAMARANO e PINHEIRO, 2023).

Na mesma lógica se aplica ao “circuito de cuidados”, que é compreendido pela rotina que gira em torno da dinâmica do cuidado. Também é importante afirmar que a “ajuda” é uma das palavras frequentemente utilizadas pelas interlocutoras, a palavra se conecta com desigualdades estruturais e normas de gênero, não apenas como uma prática ou apoio, mas como uma expressão evidente das hierarquias de trabalho doméstico e de relações sociais no Brasil (CARNEIRO, SUELI, 2011).

As relações de gênero são base fundamental para compreender como se dividem tarefas domésticas e as atribuições de cuidados em um núcleo familiar. Para uma discussão inicial devemos delimitar alguns conceitos, o gênero, o trabalho e o poder. No contexto de gênero, podemos compreender o conceito a partir de uma das 3 dimensões de sexo, ou seja, a categoria “sexo” se divide, por assim dizer em sexo biológico, em comportamento sexual e em gênero.

A primeira dimensão é o sexo biológico, designado ao indivíduo no momento do nascimento e diretamente ligado a genitália. A seguir tem-se o comportamento sexual como dimensão de sexo, o que significa dizer que independentemente do sexo biológico do indivíduo, seus comportamentos levam em conta construções sociais e individuais. A terceira dimensão é o gênero, o qual considera um espectro de identidade para além do sexo biológico e para além de comportamentos estabelecidos socialmente.

A partir dessas dimensões, a relação entre elas (principalmente a interferência nas dinâmicas da vida cotidiana feminina), além de destacar a importância epistemológica do feminismo como movimento político, interfere epistemologicamente nas relações de poder e por consequência na divisão sexual do trabalho. O conceito de gênero surge pela primeira vez de forma clara com Robert Stoller na década de 1960, seguido por nomes como Simone de Beauvoir, Gayle Rubin, Judith Butler, Ann Oakley, e desde então a principal questão levantada no cerne dos estudos de gênero é a diferença de sexo e gênero. De forma breve e curta, podemos dizer que o *Sexo* é uma determinação biológica, ou seja, hormônios, genes, sistema nervoso e morfologia. Já o *gênero* se trata de uma determinação

cultural, a partir da psicologia, sociologia e consciência social. Essa conceituação nos ajudará a compreender as dinâmicas de cuidados das mulheres.

Tanto o gênero quanto a divisão sexual do trabalho se determinam de forma histórica com delimitações sociais sobre os papéis de gênero, assim como a atribuição do trabalho doméstico. A temática de gênero propõe, entre outras perspectivas, a análise das correntes do feminismo que se inicia desde o pensamento liberal clássico, assim como a perspectiva do trabalho feminino do ângulo marxista.

O corpo feminino se depara frequentemente com uma lógica sistemática de efeito normativo da heterossexualidade reprodutora, ou ainda como J. Butler discute sobre a construção performativa do gênero através de atos repetidos, afirmando que o gênero se constrói no tempo segundo uma repetição de atos e ações, concretizando uma identidade instável (2016, p 02). Portanto, é uma categoria fluida de identidade do corpo, que não se enrijece no que fora estabelecido no campo biológico, a discussão é bem diferente.

Ou seja, o gênero é uma categoria fluida, que ultrapassa barreiras físicas, se trata na verdade de uma expressão política, do ser e do estar. Ora, a discussão sobre o feminino nesse trabalho relaciona justamente a questão dos papéis de gênero, sobre como os indivíduos performam os comportamentos socialmente construídos para eles.

“normalização da divisão sexual do trabalho, da socialização dos corpos, da interiorização das hierarquias de gênero, a partir de seus pontos de contestação: as lutas e os saberes das mulheres. O saber feminista é também uma memória dos combates.”(FALQUET, 2017)

A performatividade de gênero, conceito de Judith Butler, propõe que as regras sociais estabelecidas ao gênero se relacionam diretamente com o trabalho doméstico, especificamente às mulheres, que são construídas socialmente e reforçadas através de atos e ações repetidas. Para ela, o gênero não é uma predeterminação, mas sim uma série de comportamentos cotidianos que se consolidam com o passar do tempo como comportamentos "naturais". Existe uma grande expectativa de que meninas e mulheres sejam as responsáveis pelo cuidado da casa e pelas tarefas domésticas, desde jovens sendo educadas dessa forma. Isso é um exemplo concreto dessas performances comportamentais,

que se repetem no cotidiano do corpo feminino, reforçando a ideia de que essas atribuições fazem parte de um papel "natural" e exclusivo das mulheres.

Ora, o trabalho e os cuidados domésticos são internalizados a partir de fatores sociais, culturais e econômicos. Essas atribuições podem variar a quem deve dar conta do trabalho de casa, a depender da cultura local. Em geral, a lógica machista se perpetua. Clara Araújo e Felícia Picanço destacam como a divisão de trabalho é perpetuada, o que se alinha com a ideia de Butler de que as normas de gênero são mantidas através da repetição e da coerção social, por vezes imperceptível naquele núcleo familiar. Ao serem continuamente atribuídas como o indivíduo do espaço doméstico, as mulheres acabam incorporando e repetindo esses papéis, reproduzindo as hierarquias de gênero.

Ao fazerem suas análises, as autoras exploram como a invisibilidade do trabalho doméstico (ou seja, considerar também que não é um trabalho remunerado) reforça as desigualdades de gênero. Esse conceito de invisibilidade pode ser entendido a partir das relações estruturais de poder, onde majoritariamente, os homens são colocados como líderes financeiros e em uma posição alta na hierarquia familiar. Tanto Butler, quanto C. Araújo e F. Picanço, esclarecem sobre como o gênero é uma construção social e cultural de performance, que oculta suas origens e reforça estereótipos hierárquicos.

Uma das dimensões do cuidado, **os atores e atrizes considerados aptos para realizar o trabalho de cuidado**, estão ligados a estereótipos e estigmas de gênero demarcados em normas culturais (PICANÇO, 2019). Tradicionalmente, as mulheres são consideradas como as principais responsáveis pelo cuidado, tanto em contextos familiares quanto em profissões de cuidado. Isso é sustentado pelo que já sinalizamos aqui como divisão sexual do trabalho, que precariza o trabalho feminino e evidencia a relação de signo financeiro com o tempo da mulher.

Na divisão do trabalho doméstico e no mercado de trabalho. Enquanto Judith Butler (2016) analisa como as normas de gênero moldam as performances de poder e subordinação, Araújo e Picanço (2020) analisam como esse trabalho no núcleo familiar e no sentido do cuidado reforça a ordem patriarcal mesmo que inconscientemente, enfatizando a dominação masculina e estabelecendo limites financeiros, sociais e sobretudo de tempo para as mulheres, sem falar no impacto dessa responsabilidade por em debate a possibilidade de imersão no mercado de trabalho (me refiro aqui ao trabalho remunerado, formal ou não).

Essas relações de poder podem ser compreendidas como parte do que Judith Butler descreve como a "performatividade" das práticas e normas de gênero, onde as

mulheres estão constantemente reiterando sua posição de cuidadoras em uma estrutura de poder que as coloca em desvantagem. Além disso, o trabalho de Araújo e Picanço dão ênfase no cotidiano dessas performances, os desafios e a prática do circuito de cuidados feminino e o impacto econômico e social na vida das mulheres.

Dito isso, nas próximas páginas trago a apresentação da metodologia de pesquisa, os relatos e discussões consideradas relevantes para este trabalho, assim como os resultados obtidos durante o período de aproximadamente um ano, iniciado no projeto de iniciação científica a partir do plano de trabalho *O tempo das Mulheres* que deu corpo a esta pesquisa.

III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A construção deste trabalho baseia-se no modelo etnográfico de pesquisa, com o objetivo de compreender e analisar dados obtidos em campo durante a imersão da equipe. A primeira etapa do trabalho se deu através de encontros com o intuito de realizar uma formação teórica sobre a temática central do trabalho. Foram utilizados materiais bibliográficos que ajudaram nos estudos, sobretudo de gênero, cuidados e políticas públicas.

Em agosto de 2023 se iniciam as atividades do projeto, contanto com encontros presenciais ou remotos com frequência semanal ou quinzenal. O objetivo dessa primeira etapa foi a formação teórica e a imersão no campo de gênero, considerando o trabalho doméstico como ponto central da pesquisa. Levamos também nossas experiências pessoais para as conversas, o que teve relevância para a compreensão do que iríamos fazer em campo. Como a equipe contava com 4 integrantes, as reuniões com média de 2h30 de duração, eram eficazes nas trocas de saberes e permitia diálogos dinâmicos.

Durante o período inicial da pesquisa, antes de ir a campo, uma das principais preocupações era como faríamos o contato com nossas futuras interlocutoras. Tínhamos um receio de iniciarmos o campo a partir da influência da Unidade Básica de Saúde, porque poderiam nos atrelar a uma equipe da área da saúde, e talvez não fosse claro a pesquisa e seu objetivo. Acabamos cedendo a esse contato na UBS, e conhecemos 3 agente comunitárias de saúde que foram essenciais para o pontapé do campo. A partir de então, tivemos contato com diversas famílias, majoritariamente lideradas por mulheres, esposas e mães.

A imersão ocorreu a partir da USF da comunidade do Timbó, João Pessoa, Paraíba, no mês de janeiro de 2024. Eu e os colegas de pesquisa fomos recebidos com atenção pela equipe da unidade básica de saúde local, que inclusive uma das agentes de saúde pode nos apresentar algumas famílias da sua área de atuação ali no bairro. Também nos disse sobre a dinâmica do bairro, os projetos existentes ali e outros detalhes do cotidiano da região. O interessante, nesse momento, foi a facilidade de adentrar no campo, possivelmente devendo-se ao fato do Timbó ser uma localidade bastante pesquisada, não só pelas Ciências Sociais mas pelos cursos da área da saúde também, então os/as moradores/moradoras eram familiarizados com equipes de pesquisa.

Mesmo com uma boa interação nas primeiras visitas, algo em nós despertava um olhar diferente nas pessoas. Penso que a forma de vestir e o olhar curioso nos diferenciava

dos moradores, geralmente estávamos vestidos com calça jeans, sempre com bolsa ou pasta em mãos e andando juntos, sem muito destino pelas ruas. Em uma das visitas, por exemplo, fui parada por um jovem de bicicleta que perguntou se eu estava ali para comprar um “baseado”. Ou seja, de alguma forma para os moradores, era fácil perceber que não éramos dali. Outras pessoas perguntavam se éramos do posto de saúde, outras perguntavam se éramos da universidade. Isso aconteceu durante inúmeras visitas, mas nunca foi uma dificuldade para a observação participante.

O campo de pesquisa oferece uma perspectiva contundente das relações sociais, políticas e de poder entre os indivíduos daquele lugar, destacando sua posição no trabalho, na família ou na vizinhança.

2.1. Observação Participante

Com ênfase na observação participante, a pesquisa de campo permitiu uma imersão profunda no cotidiano das famílias investigadas. Além da observação, com a elaboração do diário de campo com o intuito de registrar as visitas, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas que possibilitaram a sistematização de dados qualitativos. Ambos métodos foram realizados ao longo do ano de 2024, proporcionando uma visão mais detalhada das práticas e desafios enfrentados pelas mulheres no contexto doméstico.

Como dito acima, a observação participante teve início em janeiro de 2024, através do primeiro contato ter sido realizado na Unidade Básica de Saúde. Foi lá que conhecemos uma das assistentes sociais que nos permitiu tomar conhecimento da área. Acompanhamos sua rotina de visitas e fomos apresentados a algumas mulheres, sempre atarefadas. Ela também nos disse sobre a dinâmica do bairro, os projetos existentes ali e outros detalhes do cotidiano da região (como as atividades sociais).

As mulheres que conhecemos, compartilharam parte da sua vida conosco, e não à toa as conversas eram bastante profundas e emocionantes. A exemplo dessa forte aproximação foi a interação com a família de Ísis. Foi uma das primeiras casas que visitamos, e daquela dinâmica familiar que buscamos entender mais como dito no objetivo do projeto. A família contava com um pai que trabalhava fora como pedreiro, uma mãe que se dedicava ao cuidado do filho de 32 anos em tempo integral, e de um filho neurodivergente, fazendo-se necessário um acompanhamento a todo momento do dia. Outros filhos do casal circulavam pela rotina da casa, mas sem ter a carga de cuidados que a mãe tinha. Para nossa surpresa, Ísis faleceu subitamente, pouco antes de começarmos o

período de entrevistas. Sua morte mobilizou muitas pessoas do bairro, era uma mulher exemplar e engajada nas atividades da comunidade.

A Observação Participante no Instituto Vem Cuidar de Mim, se mostrou essencial para a compreensão do circuito de cuidados das mulheres da comunidade do Timbó. Sobre o tempo das mulheres dessa localidade, as quais tive contato também através do instituto, na maioria das vezes se divide entre cuidar das crianças no topo da lista, seguido do cuidado com outros integrantes da família (como companheiros outros filhos), e também dividindo esse tempo com o voluntariado que tem por objetivo ajudar a cuidar das crianças do Timbó, a partir de atividades educacionais, esportivas e afins.

Dessa forma, essa etapa da pesquisa permite que a equipe tome conhecimento da região pesquisada, por onde deve circular, com quem pode ou não pode conversar, os horários mais interessantes para realizar contato com as famílias e assim por diante. A cada visita algo novo era aprendido sobre o campo, novos contatos eram feitos e as relações eram estreitadas.

2.2. Diário de Campo

Após cada visita ao campo, eram realizados registros no diário pessoal de cada um da equipe. Realizei registros com o máximo de urgência possível após as visitas, para manter as informações com detalhes e observações. A experiência na produção de diários de campo foi compartilhada com todos(as) os(as) participantes do projeto de pesquisa, que deu origem a este trabalho, da seguinte forma: Cada pesquisador com seu diário de campo individual, registrava e salvava em sua pasta “nas nuvens”, que por sua vez era compartilhada com os demais integrantes da equipe.

Essa dinâmica possibilitou uma troca de experiências mais rica do que se guardássemos os diários “secretamente”. Por conta da rotina movimentada da maioria, compartilhar os diários foi uma maneira eficaz que encontramos de todos se mantiveram atualizados. Mesmo que alguém não tivesse ido a campo em determinado dia, poderia se atualizar dos acontecimentos e questões daquela visita.

O Diário de Campo, permitiu o registro detalhado das nossas experiências, observações, questionamentos e análises pessoais do campo. Unimos os diários de toda a equipe, com o objetivo de permitir a leitura de diversos pontos de vista, sendo mais minuciosa e rica, além de funcional e eficaz. Isso ocorreu por conta da disponibilidade real de horários de cada um dos integrantes do projeto. A maioria tem outro trabalho e outras

atribuições, incluindo as domésticas. Além disso, utilizamos o registro de fotografias como forma complementar ao diário de campo, no sentido de ilustrar e enriquecer o registro da comunidade.

Figura 8. *Pq o guerreiro de fê nunca gela.*



Fonte: Arquivo Pessoal, 2024.

Sendo assim, as visitas de campo foram feitas sem o critério do grupo todo necessariamente estar presente, algumas vezes 4 participantes iam juntos a campo, outras vezes iam dois em um dia e dois em outro, às vezes 3 de nós ia no início da semana e o outro no fim de semana e assim por diante. Isso não foi negativo para a pesquisa, pelo contrário, nos deu a possibilidade de circular mais pelo bairro, e desenvolver relações únicas com moradoras e moradores na região.

2.3. Entrevistas

A etapa de entrevistas semiestruturadas teve início em março de 2024. Foi a partir da observação participante que ao longo do primeiro semestre tive contato com interlocutoras que consentiram em participar desse momento da pesquisa. Iniciei as entrevistas individualmente, salvo algumas poucas que foram realizadas com duas pessoas da equipe do projeto. Realizei 3 entrevistas, 2 delas com registro de áudio para uma transcrição mais exata. E devo enfatizar aqui a relevância do material gravado, já que pela

grande quantidade de informações que eu recebia em cada ida a campo ou em cada entrevista, poder consultar a transcrição de áudio me permitiu analisar o material com mais exatidão.

No quesito organização, a utilização da plataforma online Google Drive, proporciona agilidade e trocas interessantes e dinâmicas entre o grupo de pesquisa, através desse recurso digital, foi possível compartilhar os resultados obtidos com todos da equipe. Nos serviu muito bem para armazenamento de materiais, tanto escritos quanto visuais, e até os materiais em áudio. Sobre esse último tipo de material, tivemos dificuldades em algumas entrevistas, pois nem todas as pessoas entrevistadas permitiam que gravássemos, o que nos restringiu a anotações e a boa memória. Ao todo tivemos de 6 registros (escritos e por gravação de áudio) relacionados às entrevistas realizadas, e a transcrição foi compartilhada também de forma digital.

O roteiro de entrevista busca dar conta de informações sobre a rotina da família, quantidade de indivíduos residentes, grau de escolaridade formal, percepção sobre o acesso a serviços de saúde e outros tipos de atenção básica. Além disso, foi perguntado em blocos temáticos sobre a situação de trabalho das mulheres, rede de apoio, divisão de tarefas domésticas, como foi ensinado e aprendido a cuidar da casa e sobre o cenário socioeconômico. Este último critério da entrevista teve a possibilidade de ser realizado através do preenchimento online de um formulário, este organizado e compartilhado pelo grupo nacional "Família e Mudanças nos Papéis de Gênero".

A primeira rodada do roteiro continha 8 perguntas (elaboradas previamente no projeto de pesquisa produzido pelo Professor Pedro Nascimento), sendo elas as seguintes:

1-) Você poderia me falar quem mora com você? Há quanto tempo vocês moram juntos?

2-) Queria que você me descrevesse um dia comum da sua rotina, você consegue dizer tudo o que você faz desde que levanta até a hora de dormir? [se a pessoa não responder sobre as tarefas domésticas e de cuidado, perguntar. Exemplo: quem fez seu café da manhã?]

3-) Como ficou a situação da sua família, em termos de trabalho, depois da pandemia?

4-) No dia a dia de uma casa é necessário fazer comida, lavar louças, lavar e passa roupas, tirar o lixo do banheiro e da cozinha e fazer a faxina geral, quem é a pessoa que normalmente realiza a maior parte destas tarefas na sua casa? Alguma coisa mudou depois da pandemia?

5-) Como é para você conciliar o trabalho fora de casa com as tarefas domésticas e de cuidados? A pandemia mudou alguma coisa em relação a isso?

6-) Tem alguém na sua casa que precisa de cuidados específicos? A pandemia mudou alguma coisa em relação a isso?

7-) Em relação às pessoas que moram com você [identificar na primeira resposta e quinta resposta], como é o acesso à creche/escola? ou hospitais? UBS? ou plano de saúde?

8-) Algumas vezes somos nós que precisamos de ajuda, outras vezes são outras pessoas que precisam de ajuda. No seu dia a dia, quem você identifica como sua rede de cuidado? Você acha que você faz parte da rede de cuidados de alguém? A pandemia mudou alguma coisa em relação a isso?

A proximidade com o interlocutor facilita o trabalho de entrevista, permite perguntar com mais detalhes e ter uma interação mais descontraída, o que deixa o interlocutor mais confortável no diálogo. Quando se tem um contato mais frequente com a pessoa, quando já se conhece parte dela e da sua rotina (e até da família), as perguntas deixam de ter respostas curtas. São respondidas com vários parentes, às vezes com detalhes inesperados que nenhuma entrevista com desconhecido permitiria haver.

Na segunda rodada de entrevista, utilizei as seguintes perguntas:

9-) Na outra entrevista você disse que mora com X pessoas. Você consegue descrever tudo que essas pessoas fazem desde que se levantam até a hora de dormir?

10-) Você já tentou fazer alguma divisão das tarefas da casa e de cuidado?

11-) Você acha que existe alguma conexão entre o dinheiro que entra na casa e a realização das tarefas domésticas e de cuidado? Quem contribui menos com as contas da casa tem que fazer mais as tarefas domésticas ou de cuidado?

12-) [CLASSE MÉDIA]: Qual é o tipo de contratação que você faz na sua casa? Diarista, mensalista, cuidadora? É formalizado? [CLASSES POPULARES]: Você já pagou alguém para te ajudar em alguma coisa da casa ou cuidado dos filhos e idosos? Como é esse pagamento?

13-) Você poderia me dizer como é o acesso a hospitais, UBS, creche...é muito longe, como você chega lá?

14-) Tem farmácia, supermercado, taxi, uber perto de você?

15-) Quando você precisa resolver alguma questão de emergência, como por exemplo, levar alguém para o hospital, ou não consegue pegar o filho na escola. Alguém vai com você? Ou você pode contar com alguém nessas situações?

No Timbó, das famílias que foram contatadas e/ou entrevistadas de forma contínua, a nenhuma foi feita apenas uma visita, é o modo que mais tem sido confortável para a equipe de pesquisa, assim como para as interlocutoras, principalmente. Afinal, o contato recorrente com as pessoas permite que a entrevista aconteça de forma mais confortável, sem o caráter de “coletar dados” com um perfil colonizador.

A terceira e última rodada, em todas as entrevistas foi realizada juntamente com a primeira. A ideia de ter um roteiro de entrevista fatiado em 3 partes, foi pensando na relação com as interlocutoras. Ou seja, em algumas visitas de campo, a mulher que me recebia, geralmente não tinha mais de 2 horas disponíveis. Nessa pesquisa, as mulheres que conheci sempre estavam ocupadas de algum modo, com exceção de uma delas, Aparecida, mas que ainda que aposentada e com uma divisão de tarefas domésticas bem equilibradas entre seus dois netos que com ela moram, fazia trabalho voluntário e estudava, então nem sempre estava totalmente disponível. Mas a ênfase aqui por ter sido a pessoa com que mais tive abertura e mais conversei durante toda a pesquisa.

Bem, sendo assim, as últimas perguntas são as seguintes:

16-) O que você sente quando realiza as tarefas domésticas e de cuidado? E o que sente quando não consegue fazer?

17-) Como você aprendeu a cozinhar, lavar louça, cuidar da casa?

18-) Você tenta mudar alguma coisa hoje na sua vida familiar, em relação às tarefas domésticas e de cuidado, que você não achava certo quando era mais jovem?

19-) [CLASSE MÉDIA]: Quando você era criança, vocês contavam com uma trabalhadora doméstica? Como era essa relação? Ela tinha algum direito garantido? [CLASSES POPULARES]: Quando você era criança, havia outras pessoas que colaboravam para as atividades domésticas? Como era a relação com essa pessoa? Era feito algum pagamento?

20-) Você acha que algumas tarefas domésticas e/ou de cuidado são "pesadas" que outras? Como é feita a divisão dessas tarefas?

21-) O que te traz mais felicidade e o que te traz mais tristeza com as tarefas de casa e de cuidado?

22-) Você já passou por alguma situação difícil em algum serviço de saúde (hospital, UPA, UBS), ou creche/escola ou CRAS?

23-) Você se sentiu acolhido em algum momento em algum serviço de saúde (hospital, UPA, UBS) ou creche/escola ou CRAS? Quem te acolheu?

Essa última rodada de perguntas, muitas vezes me dava a sensação de uma retomada das conversas em campo antes de chegarmos na entrevista. A maioria das respostas vieram junto de uma conversa, as mulheres as quais entrevistei, pareciam desabafar sobre seu cotidiano.

Algumas das perguntas feitas nessa rodada, eu já tinha a resposta, então fiz o movimento de sinalizar para as interlocutoras que mesmo que já tivéssemos conversado sobre isso e que eu já soubesse daquela resposta, seria importante ouvir novamente, de modo a reforçar a informação.

IV - RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante o ano dessa pesquisa, a comunidade Timbó foi campo para a análise do circuito de cuidados realizados através de um recorte de gênero. A partir disso, reuni dados qualitativos concretos através dos métodos etnográficos de observação participante, diário de campo e entrevista. Além disso, o embasamento bibliográfico foi consideravelmente relevante para as análises dos dados observados.

Retomando as dimensões de cuidado apontados pelas autoras Guimarães e Vieira (2020), **os significados atribuídos ao trabalho de cuidado** (1a dimensão) se dão a partir de uma perspectiva social e cultural, construída de forma não individual, considerando as demarcações de papéis historicamente estabelecidos. Em algumas culturas o “cuidar do outro” é visto como um gesto de afeto, amor e responsabilidade que é associado especialmente dentro das famílias. Essa visão pode reduzir e desvalorizar o cuidado de alguém como uma possibilidade do trabalho ser qualificado, considerando exclusivamente como uma atividade “natural” das responsabilidades domésticas, sobretudo para as mulheres. Por outro lado, quando o cuidado é profissionalizado, como o de babás, empregadas domésticas, cuidadores de idosos, etc, ele pode ser visto como um trabalho especializado, mas ainda assim muitas vezes é desmerecido no sentido da sua importância econômica e social.

Além do gênero, fatores como classe social e raça influenciam quem é considerado apto para o trabalho de cuidado. Segundo o Dieese, as mulheres negras são 65% das trabalhadoras domésticas do país. Mulheres não brancas ou de classes sociais mais baixas são comumente empregadas em trabalhos de cuidado com pouca ou nenhuma remuneração.

Vale enfatizar que o trabalho de cuidado pode ser dividido em dois eixos opostos, **remunerados ou não remunerados**, recompensados ou não recompensados e **mercantis ou não mercantis** (3a dimensão). A quarta dimensão de cuidado apresentada por Guimarães e Vieira se assemelha bastante com os eixos citados na dimensão anterior, aqui são modos de retribuição do trabalho de cuidado que também variam entre **monetários e não monetários** (4), refletindo o tipo de relação social em que o cuidado ocorre.

Relações Mercantis: São aquelas mediadas pelo mercado financeiro, onde o cuidado é tratado como um produto ou serviço que pode ser comprado e vendido. Isso pode incluir serviços de cuidados profissionais nas áreas da saúde, educação, e mesmo em casa por cuidadores contratados. Nesse contexto, o cuidado é registrado e formalizado,

seguindo as lógicas capitalistas, de contratos, de salário ou remuneração e, em alguns casos, registro de carteira assinada que garante direitos trabalhistas.

Relações Não-Mercantis: Essas relações são referentes ao cuidado realizado fora do mercado, muitas vezes dentro das famílias, por amigos ou por um grupo próximo ao indivíduo. Este tipo de cuidado é comumente não remunerado e baseado em responsabilidades atribuídas moralmente ou por meio de laços afetivos, como um cuidado prestado por um parente a uma pessoa da família. Este trabalho é geralmente atribuído às mulheres da família, não envolvendo troca monetária, embora tenha um valor simbólico muito grande.

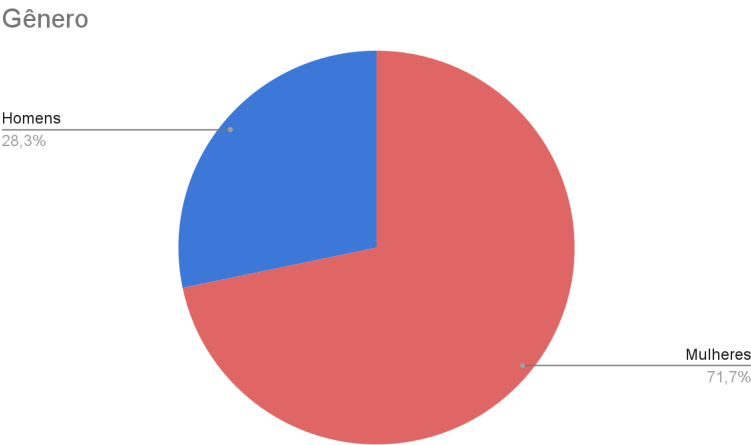
Retribuição Monetária: Assim como nas relações mercantis, a retribuição monetária prevê a compensação financeira pelo trabalho de cuidado. Geralmente envolve a formalização do trabalho, onde o cuidado é realizado por profissionais que recebem salários, benefícios e outras formas de compensação.

Retribuição Não Monetária: Como nas relações Não-mercantis, a Redistribuição Não Monetária não envolve pagamento em dinheiro, ou outros signos financeiros. Conta com demonstrações também simbólicas, como favores trocados, gratidão, suporte emocional, etc. As relações culturais e sociais sobre o papel de gênero do cuidado doméstico evidencia a invisibilidade da importância dessa atividade.

O tempo das mulheres contatadas, é dividido entre cuidado de crianças (alimentação, acompanhamento escolar, cuidados de saúde, etc), entre tarefas domésticas (majoritariamente realizadas exclusivamente por elas), e algumas vezes dividido também com trabalho fora de casa, ou seja, um trabalho remunerado.

O gráfico a seguir registra o gênero das pessoas entrevistadas, com o intuito de visualizar a diferença de gênero na amostragem da pesquisa e possibilitar uma melhor análise dos dados.

Figura VII. Gráfico de Gênero das Pessoas Entrevistadas.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2024.

As mulheres, na maioria dos casos observados são as responsáveis pelos cuidados, algumas não tendo trabalho fora de casa, se dedicam exclusivamente ao trabalho doméstico, é o caso das interlocutoras que conheci. A seguir estão informações comuns das pessoas entrevistadas, mantendo o anonimato¹.

Figura VII.Tabela de pessoas entrevistadas.

INTERLOCUTORAS	NUT	HÓRUS	ÍISIS	OSÍRIS	BASTET	Nephthy
IDADE	57	27	+ de 60	+ de 60	68	65
GÊNERO	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Mulher
RAÇA	Branca	Negra	Negra	Negra	Negra	Negra
FILHOS	4	2	5	4	7	2
NETOS	2	0	6	7	+ de 8	2
CASADA(O)	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Não
ESCOLARIDADE	Até a 4ª Série	Ensino Médio Completo	X	Analfabeto	Analfabeta	Ensino Médio Completo
TRABALHO REMUNERADO	Não	Sim, formal	Não	Sim, informal	Aposentada	Sim
RECEBE AUXÍLIO DO ESTADO?	Sim	Não	Sim	Não	Não	X

¹ Os nomes escolhidos são de importantes divindades do antigo Egito, cada uma com um papel específico na mitologia egípcia. Nut, Ísis e Bastet, por exemplo, são deusas ligadas ao cuidado, amor e proteção.

Nut, mulher de 57 anos, estudou até a primeira série, mora com o marido, com um filho adulto e sua neta, se autodeclara branca. Ela cuida da casa em tempo integral, a neta é considerada sua própria filha e demanda atenção especial por conta da sua idade e de uma dificuldade significativa na comunicação.

O circuito de cuidado dessa mulher inclui levar a menina para escola (a pé e em horários quentes do dia), preparar almoço e outras refeições, limpar a casa, cuidar do jardim, buscar a neta na escola, e no restante do dia continuar como rede de apoio dentro de casa. Durante o contato, Nut relatou que em alguns dias diferentes faz visitas ao posto de saúde quando necessário, também relata que atualmente não faz mais atividade física, o que repetiu algumas vezes na nossa interlocução, como uma forma de lamentar a falta de tempo em razão das atividades de cuidado.

É perceptível a conformidade no relato da interlocutora com relação a uma atividade a qual gostava muito, ir a academia fazia uma considerável diferença na sua qualidade de vida, no seu autocuidado. Em relação à questão econômica, Nut fechou sua lanchonete por não ter mais tempo para se dedicar, e por que as pessoas só queriam comprar “fiado”. Atualmente ela depende integralmente do marido, que segundo a mesma a ajuda “às vezes”. Eis aqui um exemplo da diferença de tempo para si que a mulher tem quando possui uma atividade remunerada, e como isso possibilita uma eventual divisão de tarefas domésticas.

Trazendo mais alguns perfis contatados durante a pesquisa, referindo-se aos que se consideram responsáveis pelos cuidados domésticos, duas dessas famílias têm os cuidados familiares atribuídos aos homens. É importante considerar os dados a partir da presença masculina nas famílias, uma vez que através da comparação é possível perceber como o gênero interfere na rotina de cuidados e trabalho doméstico. Mais ainda, de que modo a presença feminina já é sinônimo da responsabilidade do cuidado, uma vez que na amostragem pesquisada, as duas famílias que fogem do padrão, só contam com cuidados atribuídos aos homens por não terem uma presença feminina.

Explicarei melhor. Hórus, homem negro de 27 anos, é o responsável pelos cuidados das duas filhas e pelos cuidados domésticos desde antes de morar na comunidade do Timbó. Algumas tarefas eram divididas com o companheiro, assim como responsabilidades financeiras. Existe na família uma certa equivalência salarial e o entrevistado diz que acredita na existência de uma conexão entre a renda da pessoa e suas atividades domésticas - no caso, quem ganha mais, faz menos em casa. Quando perguntado sobre sua rede de apoio, ele revela que além do companheiro, sua mãe é a

pessoa que o ajuda quando precisa de alguém para cuidar das filhas ou até em caso de assistência para sua saúde.

Poucos dias depois de ser entrevistado, Hórus sofreu um acidente, seguido de divórcio, e dessa forma precisou acionar sua rede de apoio durante todos os dias. Acompanhei de perto o processo de recuperação dele, já que trata de um amigo meu bem antes de ser interlocutor. Duas tias, e sua mãe foram presentes na sua recuperação, e até o momento, a mãe de Hórus que passou a cuidar com grande frequência dos cuidados domésticos.

O outro caso exemplar é o do interlocutor Osíris, que nunca fez parte dos cuidados imediatos do núcleo familiar, sua responsabilidade era sobretudo financeira. Ísis, sua esposa, foi uma das mais acolhedoras interlocutoras, e através dela que podemos conhecer muitas outras pessoas na comunidade. Ela exercia apenas o trabalho doméstico e era cuidadora integral de seu filho, que demanda atenção constante por questões de saúde mental. Pouco antes de marcar a entrevista, Ísis veio a óbito, deixando muita tristeza na família e na comunidade, pois era bastante querida. Por conta desse incidente, Osíris passou a ser o cuidador do filho, e não pode mais trabalhar com a mesma assiduidade de antes.

Esses dois casos evidenciam como a ausência da mulher mãe ou da mulher companheira, marca a dinâmica doméstica e modifica o circuito de cuidados. A questão do trabalho dentro ou fora de casa aparece em todas as entrevistas como um dilema na vida da mulher. O trabalho doméstico convida a pensar sobre a remuneração ou não remuneração do trabalho e a importância moderna do acúmulo de capital.

No Timbó, a divisão do trabalho doméstico se expressa no cuidado e no afeto estar associado ao gênero feminino, que evidencia por consequência uma sutil relação de poder entre os indivíduos que têm trabalho remunerado e os que não têm. As dinâmicas de cuidado e de trabalho doméstico também levam em conta questões raciais evidentes na localidade pesquisada. Segundo os resultados dessa pesquisa, 80% das pessoas entrevistadas ou que tiveram interação relevante para a pesquisa, se autodeclararam pretas ou pardas.

Trazendo mais um perfil, Bastet, tem 68 anos, analfabeta, se autodeclara negra, sempre morou sozinha depois que se divorciou há mais de 2 décadas e se mudou do interior pernambucano para a capital da Paraíba. No último ano um dos netos passou a morar com ela e 4 meses atrás um segundo neto adolescente também se mudou para sua casa. Das entrevistas que realizei, essa mulher foi a única que demonstrou apenas

satisfação na realização das tarefas domésticas e também foi a única que diz que não precisa fazer esforços para que as divisões de cuidado da casa sejam feitas entre todos. Sua rotina conta com trabalho voluntário rotineiro em um Instituto de apoio social da região, também estuda na parte da noite e no mais, cuida dos seus animais de estimação e de suas plantas.

Retomo aqui mais um perfil feminino, Nephthy com 65 anos de idade, viúva há 28 anos, mora com uma filha adulta e com seus netos, tem sido a principal provedora e responsável pelo cuidado da família desde então. É ela quem realiza todas as tarefas domésticas, incluindo lavar pratos, cozinhar, limpar a casa, lavar o banheiro, lavar roupa, etc. Sua filha ajuda com algumas atividades e garante sua participação na limpeza. Esta mulher relatou que durante a pandemia a divisão de tarefas na casa não teve mudança alguma, pois ela sempre foi a responsável principal pelas atividades domésticas. Seu circuito de cuidados gira em torno de cuidar dos netos enquanto a filha trabalha fora de casa, e essa dinâmica é marcada por atividades de cuidado com alimentação das crianças e presença constante, além de atividades referentes ao Cuidado Doméstico.

Ora, a partir dos perfis mostrados neste trabalho, percebe-se de forma comparativa como o tempo das mulheres é desproporcionalmente alto quando comparado com o tempo dos homens, as mulheres assumem uma ou mais jornadas de trabalho, fazendo com que seu tempo no cotidiano seja mais árduo e limitante. Tanto no sentido financeiro, já que parte das mulheres que tivemos contato não trabalham fora de casa, quando de tempo efetivo para auto cuidado.

Vale enfatizar uma questão importante, a presença das avós no circuito de cuidado foi quase unânime entre as famílias pesquisadas. Em todas as interações, essas mulheres ainda são acionadas como rede de apoio da família mesmo durante a velhice e mesmo durante a vida adulta, enquanto avós (DEBERT e PULHEZ, 2019). A relação etária e geracional é um fator interessante no “Tempo das Mulheres”, muito embora a pesquisa não se aprofunde nessa questão, mas vale o registro.

Os resultados apontam que mais da metade das mulheres entrevistadas não recebem um salário (com exceção de auxílios, o caso de algumas dessas mulheres). E no sentido de tempo de qualidade para si mesma, o que de fato é o tempo da mulher, foi comum ouvi-las relatando que não podem fazer alguma atividade que gostam por falta de tempo, e às vezes como consequência desse circuito árduo, deixam de lado o autocuidado e suas prioridades individuais.

CONCLUSÃO

A relevância desta pesquisa vai além dos limites do cuidado por si só, integrando-se ao conceitos de gênero e a performance destinada à mulher no núcleo familiar, e/ou fora dele. a um esforço maior, conduzido por uma rede de pesquisadores espalhados por todo o Brasil, comprometidos em analisar as realidades enfrentadas pelas mulheres em suas rotinas diárias, principalmente com ênfase na rede de cuidados familiares.

O “*Cuidados Domésticos e o Tempo das Mulheres*” visualiza as dificuldades enfrentadas a partir do gênero, além de explorar as complexas relações entre cuidado, trabalho, poder e outras relações sociais que se mostram no decorrer da pesquisa etnográfica. Assim, este trabalho apresenta resultados essenciais para a análise local das configurações das redes de cuidado, e que pode ser somado a pesquisa nacional que segue a mesma temática.

Durante as visitas de campo foi possível analisar o circuito de cuidados realizados por mulheres e homens nas suas atividades domésticas. O “*Tempo das Mulheres*” apresenta perfis muito semelhantes, com rotinas similares e sentimentos parecidos. A performance de gênero é presente na vida das mulheres em todos os circuitos de cuidados pesquisados durante a elaboração deste trabalho, mesmo que não seja no papel social de mãe ou a esposa, existe pelo menos uma mulher que tem sua identidade atribuída a responsabilidade de cuidar do outro, de zelar pelo espaço que a família ocupa, pela educação das crianças e também cuidado de pessoas mais velhas.

Dos resultados obtidos no período de observação e entrevistas, o material registrado resultou em dados que afirmam a existência concreta de uma divisão sexual do trabalho na comunidade do Timbó. Existe na região pesquisada, uma relação de gênero visível quando se trata de cuidados domésticos e de redes de apoio (respondendo a inquietação que fomentou a construção deste trabalho de conclusão de curso), seja por questões externas ou internas do núcleo familiar, por pressão patriarcal sistêmica ou mesmo por vontade própria de ser a referência de cuidado para as pessoas que ama.

O tempo das mulheres, às quais tive contato, é dividido entre cuidado de crianças (alimentação, acompanhamento escolar, cuidados de saúde etc.), entre tarefas domésticas

(majoritariamente realizadas por elas), e algumas vezes dividindo o tempo também com trabalho fora de casa, ou seja, um trabalho remunerado².

Essas dinâmicas corriqueiras das mulheres que tive contato e pude conhecer de perto, em sua maioria não conta com apoio de outra pessoa da família. Apenas duas das famílias entrevistadas apresentam uma divisão de tarefas domésticas equilibrada independentemente se os indivíduos que ali residem trabalham fora de casa ou não. Claro que aqui é o registro de uma amostra pontual, mas é possível relacionar esse resultado com dados nacionais organizados no survey "Família e Mudanças nos Papéis de Gênero" do ISSP.

É indiscutível, então, que a relação de cuidados e responsabilidades domésticas tem relação direta com o gênero. As redes de apoio em todas as faixas etárias podem ter características diferentes em cada família, entretanto, através das discussões e resultados dessa pesquisa, podemos afirmar que há pelo menos uma mulher que faz parte do suporte familiar na comunidade do Timbó em João Pessoa, Paraíba. Seja através de acompanhamento das crianças, preparo da alimentação, limpeza e organização da casa, entre outras atividades domésticas, são as mulheres que sempre estão presentes na dimensão do cuidado doméstico.

²Na língua inglesa, o “trabalho doméstico”, quando referenciado a um trabalho remunerado - como de trabalhadores domésticos, babás etc. - chama-se “domestic work”. No caso de um trabalho doméstico realizado pelas próprias moradoras da casa, chama-se “household work”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Clara; PICANÇO, Felícia; CANO, Ignácio. *Onde as desigualdades de gênero se escondem? Gênero e Divisão do Trabalho Doméstico: O Brasil em perspectiva comparada*. Rio de Janeiro: Gramma Editora, 2021.

BRITES, Jurema Gorski. *Trabalho doméstico: questões, leituras e políticas*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 43, n. 149, p. 422–451, 2013.

BUTLER, Judith. *Actos Performativos e Constituição do Gênero: Um Ensaio sobre Fenomenologia e Teoria Feminista*. 1990. Tradução de Rosa Vieira Guedes. 2016.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CAMARANO, Ana Amélia; PINHEIRO, Luana (orgs). *Cuidar, verbo transitivo : caminhos para a provisão de cuidados no Brasil - Rio de Janeiro : Ipea*, 2023.

DANTAS, Maria Auxiliadora Clemente; DE MELO, Antônio Sérgio Tavares. *A comunidade do Timbó (João Pessoa-PB): análise sócio-ambiental e qualidade de vida*. 2004. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Gestão e Políticas Ambientais, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

DEBERT, Guita; PULHEZ, Mariana. *Desafios do cuidado: Apresentação*. In: DEBERT, Guita; PULHEZ, Mariana (orgs.). *Desafios do cuidado: gênero, velhice e deficiência*. Campinas: Unicamp/IFCH, 2019 (2a ed.), p. 5-27.

FALQUET, Jules. *O saber feminista: memória de lutas*. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; MARTINS, Isabel Cristina (Org.). *Deslocamentos feministas*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017, p. 45-59.

FONSECA, Cláudia; MACHADO, Helena (orgs). *Ciência, identificação e tecnologias de governo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/CEGOV, 2015.

GUIMARÃES, Nadya Araújo; VIEIRA, Priscila P. F. *As “ajudas”: o cuidado que não diz seu nome*. Estudos avançados 34 (98), 2020.

MONTICELLI, Thays. *Divisão sexual do trabalho, classe e pandemia: novas percepções?* Revista Sociedade e Estado – v. 36, n. 1, p. 83-107, jan./abr. 2021.

NASCIMENTO, Pedro; LUNKES, Amanda Gioriatti. *Futuro sem presente - Notas etnográficas sobre o Programa Criança Feliz no interior da Paraíba*. Anuário antropológico, v.47 n.2| 2022.

NUNES, Ana Paula. *Saúde e práticas comunitárias: um estudo sobre a atuação das equipes de Saúde da Família na comunidade do Timbó*. Tese de doutorado. Universidade Federal da Paraíba, 2018. Disponível na biblioteca digital da UFPB.

PICANÇO, Felícia S.; ARAÚJO, Clara M. de O. *Conflitos desiguais: homens e mulheres na articulação casa - trabalho no Brasil*. Século XXI: Revista de Ciências Sociais, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 720–749, 2020.

PICANÇO, Felícia; BRITES, Jurema. *O emprego doméstico no Brasil em números, tensões e contradições*. Revista Latinoamericana de Estudios del Trabajo, v. 19, n.31, p. 131-158, set. 2014.

PITA, Ana Luzia Lima Rodrigues. *Segregação urbana e organização socioespacial: um estudo da Comunidade do Timbó, em João Pessoa, PB*. 2012.

PONTES, Williane Juvêncio. *Emoções e Sociabilidade Urbana: Uma etnografia sobre a Comunidade do Timbó, João Pessoa-PB*. 2020.

TEIXEIRA, Juliana. *A construção de identidades sociais na comunidade do Timbó: uma análise das práticas culturais e sociais*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, 2017. Disponível na biblioteca digital da UFPB.

VALERIANO, Marta Maria. *Entre o Cuidar e o prover: Trabalho, tempo e arranjos de trabalhadoras domésticas em tempos de crises*. Tese (Doutorado em Sociologia) Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 205 f., 2022.

<https://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2022-04/mulheres-negras-sao-65-das-trabalhadoras-domesticas-no-pais>